

Diálogos entre o MUCIN e Comunidades Tradicionais do Litoral Norte do RS 2019

Aline Portella Fernandes: Museu de Ciências Naturais - UFRGS

Lucas Morates: Museu de Ciências Naturais - UFRGS

Acadêmica Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia: Ana Cristina Rolin da Rosa

Acadêmica de Ciências Biológicas (ênfase Biologia Marinha): Bruna Bordignon Vian

O Museu de Ciências Naturais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (MUCIN/ UFRGS), localizado em Imbé, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, é um espaço dedicado à preservação do patrimônio natural e cultural da região. O MUCIN tem adotado como política de atuação conhecer e envolver as comunidades do seu entorno, com as quais o diálogo é importante na busca por contribuir com o desenvolvimento sustentável. O Litoral Norte do RS é uma região com grande diversidade de culturas, como pescadores tradicionais, imigrantes europeus, quilombolas e povos originários, o que nos coloca frente a desafios para construção de um diálogo que envolva a todos. Durante o ano de 2019, o MUCIN esteve trabalhando com a comunidade Tekoá Guapo'y Porã, conhecida pelos não-indígenas (juruá) como Aldeia Guarani de Torres, localizada no Km 7 da BR 101. Na primeira visita levamos material do nosso acervo, com alguns representantes da fauna marinha, com os quais as crianças da escola não têm muito contato. Em uma das visitas levamos alguns nomes e imagens



de animais que estão presentes na exposição de longa duração do MUCIN, para construir uma legenda bilíngue. A partir desta experiência, disponibilizamos na exposição uma legenda com

os nomes em guarani e português, sendo que é possível escutar a pronúncia das palavras em guarani com o auxílio de um aplicativo leitor de QR Code. Outro ponto importante foi a realização de uma atividade de artesanato guarani, onde os alunos da escola localizada na aldeia, ensinaram a equipe do Museu a confeccionar algumas peças. Na oportunidade foi possível conhecer mais sobre os métodos e as mudanças que ocorreram com a arte guarani, como o fato de terem que usar miçanga para fazer as peças, já que não há mais sementes suficientes para essa produção. Da mesma forma, as cores da cestaria utilizadas atualmente são artificiais, pois não se encontram mais na natureza todas as plantas de outrora, capazes de fornecer toda diversidade de cores. Está em construção uma publicação bilíngue, relatando essa experiência, com textos em português e guarani, para que o modo de vida guarani seja divulgado, compreendido e respeitado, pois são povos que foram sufocados por outras sociedades, perderam seu espaço e



precisam lutar, todos os dias, para terem direito a viver com dignidade, produzindo seu alimento e confeccionando seu artesanato que, atualmente, tornou-se fonte de renda. Cada vez mais, nós juruás (não indígenas) precisamos aprender com os guaranis sobre coletividade, respeito à natureza, e compreensão global do espaço que habitamos. De forma geral, essas trocas têm sido de grande importância para a equipe do MUCIN e esperamos que seja algo proveitoso também para os integrantes da comunidade, cumprindo a missão precípua da Extensão, que é proporcionar troca de conhecimento. ◀